



CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO DE TESTAGEM PARA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE E SUA ASSOCIAÇÃO COM O PROGRESSO NO CURSO

Bianca Helena Diuri, Geovana Adalgisa Freitas, Letícia Botura de Oliveira, Samuel da Silva Lopes e Egly Priscila de Almeida Butafava

Universidade Anhembi Morumbi
Medicina, Piracicaba, egly.butafava@ulife.com.br

Introdução

A crescente incidência de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) representa um desafio significativo para a saúde pública global. A compreensão do conhecimento e do comportamento em relação à testagem para ISTs é crucial, especialmente entre futuros profissionais da saúde, como estudantes de medicina, enfermagem, farmácia e biomedicina (1). Esta pesquisa busca investigar se existe uma relação entre o ano de graduação desses estudantes e seu nível de conhecimento sobre essas infecções, ter contato e frequência de testagem e histórico pessoal dessas doenças.

Objetivos

Ao identificar lacunas no conhecimento e comportamentos inadequados, será possível promover discussões sobre a formação acadêmica e a necessidade de intervenções educativas que visem aprimorar a capacitação desses futuros profissionais, por meio de melhorias curriculares nas instituições de ensino superior (2). Além disso, identificar padrões no conhecimento e na testagem entre estudantes, pode auxiliar na formulação de políticas públicas mais eficazes voltadas à educação em saúde. Compreender como o progresso acadêmico influencia esses aspectos permitirá que instituições governamentais (3) e não governamentais desenvolvam campanhas direcionadas que promovam a educação sexual (4).

Metodologia

Se trata de uma pesquisa quantitativa, descritiva e transversal, envolvendo alunos da área da saúde da população acadêmica da Universidade Anhembi Morumbi (UAM) de Piracicaba. Ao início da pesquisa, foi solicitado o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio de um formulário (Google Forms). Foram incluídos os alunos, maiores de 18 anos, da área da Saúde (farmácia, fisioterapia, medicina, psicologia, biomedicina, nutrição) da UAM de Piracicaba, desde as turmas mais avançadas até as iniciantes. Foram excluídos os que não concordaram com termo de consentimento. A coleta de dados foi feita por meio de uma entrevista, em que o questionário foi aplicado via Google Forms, com perguntas norteadoras para identificar o conhecimento e comportamento de testagem para ISTs.

Resultados

Participaram do estudo 117 estudantes da área da saúde, com maior número de mulheres (54,7%) na faixa etária de 18 a 24 anos. A maioria declarou cursar Medicina (84,6%), seguido por Enfermagem e Biomedicina, com prevalência alunos entre o 1º e o 6º semestre. Para uma base de comparação, definimos como estudantes de semestres mais avançados aqueles que estão entre o 7º e o 12º período de seus respectivos cursos (n=37) e de semestres iniciais aqueles que estão entre o 1º e o 6º período (n=80).



Resultados continuação

CONHECIMENTO		
Semestres	Desconhece quais testes rápidos estão disponíveis no SUS	Desconhece o manejo se teste positivo
1º ao 6º	16,25%	35,00%
7º ao 12º	13,50%	16,20%

COMPORTAMENTO		
Semestres	Relação sexual sem preservativo	Nunca realizou teste rápido para ISTs
1º ao 6º	75,00%	53,70%
7º ao 12º	59,50%	56,75%

Assim, observamos que semestres mais avançados têm mais contato com o conhecimento teórico da testagem rápida e se mostram mais aderentes a utilização de preservativos e de autotestagem, além de pouco mais de segurança para orientar pacientes ou interpretar resultados. Entretanto, de maneira geral, os resultados mostram lacunas no ensino sobre ISTs e atenção primária, uma vez que a diferença ao decorrer do curso não se mostrou tão significativa no conhecimento teórico.

Conclusões

Os resultados desta pesquisa reforçam a necessidade de se reestruturar a educação em saúde quando observado o conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) em meio aos alunos da área da saúde. A esfera teórica aparenta ser mais dominada pelos estudantes, enquanto a aplicação prática deste conhecimento se demonstra fragilizada, tanto no aspecto pessoal quanto no exercício educacional. Mais uma vez, assim como observado na literatura nacional e internacional, o conhecimento técnico isolado não incorpora de forma eficaz uma medida auxiliadora da prevenção, uma vez que, mesmo em ambientes onde o conhecimento é ou deveria ser difundido, a realidade prática não se sustenta. Assim, uma maior integração com a prática é extremamente necessária para uma formação crítica sobre a saúde sexual, seja ela em meios educacionais ou na saúde própria do indivíduo.

Bibliografia

- Leodoro AM, et al. Nível de conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis dos alunos da área da saúde e da vida da UNOESC. *Brazilian Journal of Development*. 2021;7(2):15101–15112. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24593>
- Do Carmo BAG, et al. Educação em saúde sobre infecções sexualmente transmissíveis para universitários de Enfermagem. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*. 2020;33. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/10285>
- Silva JWSB, et al. Mandala da prevenção combinada: ferramenta pedagógica no enfrentamento das infecções sexualmente transmissíveis, aids e hepatites virais em Pernambuco. *Saúde em Redes*. 2021;7(2):45–59. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3028>
- Stephanou AT, et al. Analysis of sexually transmitted infections prevention campaigns between 2008 and 2020. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2023;39:e39414. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e39414>

FOMENTO: Universidade Anhembi Morumbi de Piracicaba. Não foi utilizado nenhum recurso financeiro, apenas a estrutura do campus. Este projeto está vinculado ao Programa Pró-Ciência do Ecosystema Ânima.